Discurso da prof. Helena Bonciani Nader, presidente da ABC, na abertura do Seminário Ciência e Negociações Climáticas, na Finep

Bom dia a todas e a todos.

É uma satisfação coordenar esta sessão dedicada a um dos grandes desafios científicos, econômicos e sociais do nosso tempo: a ultrapassagem de 1,5 °C e seus impactos no Brasil, bem como as respostas necessárias nos campos da energia, do trabalho e da tecnologia.

O limite de 1,5 °C, estabelecido como referência central no Acordo de Paris, não deve ser entendido como uma fronteira que, uma vez ultrapassada, separa simplesmente um mundo seguro de um mundo inseguro. Trata-se de um indicador de risco. Cada fração adicional de aquecimento aumenta a probabilidade e a intensidade de impactos sobre os ecossistemas, as cidades, a agricultura, os recursos hídricos, a saúde e as condições de vida das populações.

Para o Brasil, essa discussão assume características próprias. Somos um país de dimensões continentais, com uma extraordinária diversidade de biomas, uma matriz energética que possui importante participação de fontes renováveis e, ao mesmo tempo, populações e territórios particularmente expostos a eventos climáticos extremos. Secas, ondas de calor, chuvas intensas, incêndios e alterações nos regimes hidrológicos já colocam novos desafios para diferentes regiões e setores da economia.

É nesse contexto que a resposta climática precisa ser pensada de forma integrada.

Na energia, temos o desafio de acelerar a transição para uma economia de baixo carbono, ampliando fontes renováveis, modernizando redes, aumentando a eficiência e garantindo segurança energética. O Brasil também possui oportunidades relevantes em áreas como biocombustíveis, hidrogênio de baixo carbono e eletrificação, mas essas oportunidades exigem planejamento, infraestrutura, investimento e conhecimento científico.

No mundo do trabalho, a transição climática também produzirá mudanças profundas. Algumas atividades serão transformadas, novas profissões e competências serão demandadas e determinados territórios poderão enfrentar maiores dificuldades de adaptação. Por isso, políticas de qualificação, proteção social e criação de empregos de qualidade são componentes fundamentais de uma transição que seja simultaneamente ambiental e socialmente sustentável.

E na tecnologia, ciência, inovação e formação de recursos humanos serão indispensáveis. Precisamos desenvolver e incorporar tecnologias que permitam reduzir emissões, adaptar cidades e sistemas produtivos, monitorar riscos climáticos e antecipar impactos. Mas tecnologia, por si só, não é suficiente: é necessário que o conhecimento produzido chegue à sociedade e se transforme em políticas públicas, infraestrutura e soluções acessíveis.

Esta sessão nos convida, portanto, a olhar para a ultrapassagem de 1,5 °C não apenas como um alerta, mas como um chamado à ação baseada em evidências. O desafio é enorme, mas o Brasil também dispõe de capacidades científicas, tecnológicas, energéticas e humanas importantes para enfrentá-lo.

Que este debate nos ajude a compreender melhor os riscos que temos diante de nós e, sobretudo, a identificar caminhos concretos para fortalecer a capacidade de adaptação do país, reduzir emissões e construir uma transição que combine desenvolvimento, inovação, trabalho decente e sustentabilidade.

Teremos com certeza uma sessão muito relevante e com muitos dados pois temos como panelistas as referências brasileiras e internacionais sobre o tema.